
Da origem à reinterpretação: o meme como estrutura complexa da cultura¹

Jessica da Graça BASTOS Borges²

Pedro Pinto de Oliveira³

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

RESUMO

Este artigo visa balizar o entendimento do significado do termo meme, a partir da definição criada por Dawkins em 1976, perpassando pelas complementações resultantes das contribuições de seus principais defensores, Dennett e Blackmore, nos anos que precederam a popularização da internet. Avançamos pelas transformações sociais e tecnológicas que situaram a noção e o lugar do meme na Cultura Digital, até a contestação de Jenkins, quanto ao papel passivo do indivíduo na propagação das informações e a interpretação de Shifman, que retoma a ideia de complexo mêmico, já referido por Dawkins. Nos apoiamos nos autores brasileiros Raquel Recuero, para explicar a importância dos SRSs na propagação dos memes e Luis Martino, que aponta a transformação dos memes em fenômenos culturais e sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Meme, Memética, Cultura Digital, Comunicação.

1 – Introdução

Há alguns anos o meme vem sendo uma temática recorrente e um elemento presente na comunicação e na rotina social, com alcance cada vez maior. Apesar de sua popularidade, temos a percepção de que a compreensão sobre o significado do tema não tem acompanhado a abrangência de sua aplicação, sobretudo diante a evolução tecnológica, nas últimas duas décadas.

Cunhado num contexto analógico, que buscava validar a expansão da teoria da evolução para fatores além da biologia, a aplicação do meme como transmissor de cultura esteve associado principalmente a aspectos comportamentais, como hábitos e costumes, passíveis de transmissão por imitação e repetição. No entanto, a percepção do que é meme tem se transformado a partir de sua inserção no ambiente digital, especialmente a partir da naturalização dos sites de redes sociais.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Cultura Digital, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO) FCA-UFMT, e-mail: jeu1309@gmail.com.

³ Doutor em comunicação. Professor no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO) – FCA/UFMT, orientador do artigo, e-mail: ppo@terra.com.br

Nesse sentido, pretendemos observar o conceito desde a sua origem, na fala de Dawkins; acompanhado o incremento do debate, a partir das contribuições teóricas propostas pelos principais autores que se debruçaram sobre o tema, como Dennet e Blackmore, expoentes nos anos 90-00; o potencial de disseminação das redes sociais online, a partir da visão de Recuero; a contestação de Jenkins, quanto ao papel do sujeito em relação ao meme; os questionamentos de Martino, em relação ao impacto dos memes na sociedade; além da aproximação da noção de memeplexo, retomada por Shifman.

Adicionalmente, registramos a relevância do tema no contexto sociocultural brasileiro, tendo em vista o desenvolvimento de ações acadêmicas e de extensão, que dão suporte para a existência do #Museu de Memes e o crescimento no número de pesquisas relacionadas, conforme os dados da Plataforma Sucupira.

Este artigo tem, portanto, uma perspectiva teórica, que busca organizar as referências mais populares, bem como acrescentar contribuições de autores nacionais relevantes para a melhor compreensão do termo e sua importância atual.

2 – Natureza e Cultura

É comum, ao nos depararmos com escritos que tratam sobre meme, que sejamos remetidos a Richard Dawkins, em sua obra ‘O Gene Egoísta’, para explicar a partir de citação ao autor, ou por interpretação de suas palavras, a origem e o significado do termo. Embora soe curioso que um biólogo, atuante na área da etologia, seja justamente aquele quem definiu o termo com o qual mais nos relacionamos na atualidade, a palavra que nomeia o que está classificado como ícone da Cultura Digital, vale lembrar que muitos termos presentes nas áreas de comunicação e cultura, bem como em todas as Ciências Sociais e Humanas, tiveram sua origem nas Ciências Naturais⁴. Buscamos resgatar a origem e compreensão dessa noção e, em desdobramento, sua apreensão pelos campos da linguagem, cultura e comunicação. Assim nosso ponto de partida é o trabalho que Dawkins desenvolvia naquele momento.

O autor estabelece toda uma lógica de pensamento acerca do gene e seu papel no processo evolutivo, afirmando que “a unidade fundamental da seleção e, portanto, do interesse próprio, não é a espécie, nem o grupo, nem mesmo, a rigor, o indivíduo – é o

⁴ Como exemplo citamos Sergei Eisenstein, que no início do século passado, utilizou o termo ‘molécula’, para definir o plano, no contexto da montagem cinematográfica.

gene, a unidade da hereditariedade.” (DAWKINS, 1976 – pg. 15). Sendo o gene um descendente das primitivas moléculas replicadoras, uma de suas características é justamente a capacidade de replicação, o que para Dawkins configura-se como objetivo primordial do gene. É a partir dessa noção que o autor o nomeia ‘egoísta’, no sentido de que fará todo o possível para garantir a sua existência, ou seja, se houver a mínima possibilidade de se replicar, o gene o fará. (Dawkins, 1976).

Quando ele relaciona a influência da cultura, em sobreposição ao gene, sobre o indivíduo, podemos ter o vislumbre dos cruzamentos que se estabeleceram na elaboração de Dawkins “Entre os animais, o homem é dominado de maneira singular pela cultura, pelas influências aprendidas e transmitidas. Alguns diriam que a cultura é tão importante que os genes, egoístas ou não, são virtualmente irrelevantes para a compreensão da natureza humana.” (DAWKINS, 1976 – pg.9).

É nesse contexto, embora não claramente explicado em 1976, que Dawkins expande a possibilidade de um fator replicante além do gene. Uma unidade não biológica com propriedades e capacidade de cópias e conseqüentemente, mutações, equiparáveis ao fator biológico, que replicasse aspectos culturais.

Assim, pensando em replicação cultural é que o autor apresenta sua criação:

Acho que um novo tipo de replicador recentemente surgiu neste próprio planeta... Ainda está em sua infância, vagueando desajeitadamente num caldo primordial, mas já está conseguindo uma mudança evolutiva a uma velocidade que deixa o velho gene muito atrás.

O novo caldo é o caldo da cultura humana. Precisamos de um nome para o novo replicador, um substantivo que transmita a ideia de uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação. "Mimeme" provém de uma raiz grega adequada, mas quero um monossílabo que soe um pouco como "gene". Espero que meus amigos helenistas me perdoem se eu abreviar mimeme para meme. Se servir como consolo, pode-se, alternativamente, pensar que a palavra está relacionada a "memória", ou à palavra francesa mème. (DAWKINS, 1976, p. 330).

É interessante que o autor tenha feito tal indicação ao francês, uma vez que é a memória, a lembrança de uma experiência vivida que nos permite replicá-la, complementando o que a palavra meme pretende significar: uma molécula cultural que permite repetição, imitação⁵.

⁵ Para Dawkins, é necessário que esta molécula apresente pelo menos uma das três características, similares ao gene: longevidade, fecundidade e fidelidade

Os exemplos de memes apresentados por Dawkins, os quais ele relacionou a cultura, são principalmente comportamentos, costumes e práticas sociais. No entanto, ele acrescenta uma noção acadêmica a seus exemplos “Se um cientista ouve ou lê uma ideia boa ele a transmite a seus colegas e alunos. Ele a menciona em seus artigos e conferências. Se a ideia pegar, pode-se dizer que ela se propaga, si própria, espalhando-se de cérebro a cérebro (DAWKINS, 2007, p. 330)”.

3 – Evolução e alcance da Memética

Estabelecidos o conceito e o contexto em que a ideia do meme surge, a partir do questionamento sobre a existência de um segundo replicador tão relevante e potente quanto o gene, passamos aos estudos relativos à memética.

Como se intui, memética é o nome dado ao conjunto de estudos que tem como objeto os memes. Se nos últimos anos o termo meme está em evidência e a sua ocorrência já é apontada como traço característico de uma geração, ou mais, como já dissemos, o meme tornou-se a representação da cultura digital, constatamos que não foi sempre assim. Desde a sua origem, em 1976, até que um outro autor aplicasse efetivamente o conceito apresentado por Dawkins, passaram-se 15 anos. Nesse período, conforme observa Leal-Toledo, o termo “passou sendo pouco citado e, quando o faziam, era mais comum que fosse dentro de uma crítica.” (LEAL-TOLEDO, 2013 – pg. 196).

Nas pesquisas que temos realizado, além de Dawkins, que acabou se distanciando de sua criação, encontramos dois nomes que se destacam e, ao longo de pelo menos uma década, se revezaram em estudos e debates acerca dos memes, são eles: Daniel Dennet⁶ e Susan Blackmore⁷. Dennett é quem retoma o conceito em 1991, no livro ‘Consciousness Explained’, para explicar seu próprio conceito de mente como algo semelhante a uma sequência desordenada de processos simultâneos e não controlados, uma descrição bastante próxima do que apontou Dawkins, quanto a combinação não ordenada de átomos, que teriam propiciado a formação das primeiras moléculas que deram origem aos genes. Elaboração que posteriormente foi utilizada como metáfora para o surgimento do

⁶ Daniel Clement Dennet é filósofo, desenvolve pesquisas relacionadas à filosofia da mente. É um evolucionista convicto, que não acredita nos estados interiores de consciência, entre suas obras está o livro “A ideia Perigosa de Darwin”. Perfil disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Daniel_Dennett#>

⁷ Susan Blackmore é psicóloga, desenvolve pesquisas relacionadas à consciência, memes e experiências anômalas. Entre suas obras está o livro “The Meme Machine”. Perfil disponível em <<https://www.susanblackmore.uk/>> tradução online.

meme. Quatro anos depois, em 1995, no livro “Darwin's Dangerous Idea”⁸, Dennett dedicou um capítulo completo à exploração e debate sobre meme.

Quando utiliza a metáfora de Dawkins, aplicando-a em sua própria teoria, o filósofo Dennett demonstra efetivamente que há mais de um elemento replicante, para além da biologia, e ainda comprova que não é o substrato o que determina o seu surgimento, mas o que influencia sua capacidade de mutação, em busca de sobrevivência. O autor defende que a seleção natural nada mais é que um “‘algoritmo evolucionista’: se existem variação, hereditariedade e seleção dever-se-á obter evolução”. (DENNETT, 1995, p.50 *apud* BLACKMORE, 2002, online).

A psicóloga Blackmore se insere na discussão em 1997, manifestando clara concordância às ideias de Dennett e ampliando a defesa do tema. Em texto intitulado “O Poder dos Memes”, a autora manifesta a importância que atribui à proposição de Dawkins, quando em um paralelo à afirmação do autor, quanto à importância da seleção natural para a compreensão da biologia, ela afirma que “sem a teoria da evolução por seleção memética nada no mundo da mente faz algum sentido... Sem a memética você pode apenas se sentar e apelar para um agente consciente imaginário.” (BLACKMORE, 1997, online). Nesse mesmo texto Susan Blackmore afirma querer estabelecer bases para a teoria da memética e questiona a posição de pesquisadores que desacreditam das possibilidades que se abrem frente ao estudo dos memes, em relação a afirmação de Dennett quanto às mentes serem ‘um grande complexo de memes’ é:

fascinante que a maioria das pessoas interessadas na mente humana tenham ignorado a memética ou simplesmente falhado em entendê-la. Mary Midgley (1994) chama os memes de ‘entidades míticas’ que não são interessantes; ‘uma metáfora vazia e errônea’. Num recente debate no rádio, Stephen Jay Gould chamou a idéia dos memes de ‘metáfora sem sentido’ (embora eu não estou certa que alguém pode de fato ter uma metáfora sem sentido!). Ele deseja ‘que o termo "evolução cultural" deixe de ser usado.’ (Gould, 1996, p 219-20). (Blackmore, 1997, online).

A autora ainda retoma o status da discussão no meio acadêmico, deixando claras, a partir das referências que faz, as razões pelas quais a metáfora de Dawkins levou tanto tempo para se inserir no debate acadêmico e o que provavelmente faz com que a memética ainda não seja reconhecida como ciência⁹, nos dias atuais:

⁸ A obra foi traduzida para português em 1998 com o título “A Perigosa Ideia de Darwin”.

⁹ A área de concentração da memética é constituída pelos processos de seleção e evolução de aspectos culturais: comportamentos, costumes e ideias. Todos fatores definidos por Dawkins como memes.

A palavra ‘Meme’ nem mesmo aparece no index de livros importantes sobre a origem humana e de linguagem (e.g. Donald, 1991; Dunbar, 1996; Mithen, 1996; Pinker, 1994; Tudge, 1995; Wills, 1993), em uma excelente coleção sobre a psicologia evolucionária (Barkow, Cosmides e Tooby, 1992), nem em livros sobre a moralidade humana (Ridley, 1996; Wright, 1994). Embora existam muitas teorias sobre a evolução da cultura, quase todas fazem a cultura ser totalmente subserviente da conveniência genética, como na metáfora de Wilson (1978) dos genes retendo a cultura em rédeas ou a afirmação de Lumsden e Wilson que ‘a ligação entre os genes e a cultura não pode ser rompida’ (1981, p 344). Cavalli-Sforza e Feldman (1981) tratam a ‘atividade cultural como uma extensão da conveniência Darwiniana’ (p 362) e até mesmo Durham (1991), o único a usar a palavra ‘meme’, se restringe a exemplos de características culturais de relevância óbvia para a conveniência genética, tal como o nome das cores, hábitos de dieta e costumes de casamento. Talvez Boyd e Richerson (1990) chegam mais perto de tratar a unidade cultural como um replicador verdadeiro. Entretanto eles continuam vendo a ‘evolução genética e cultural como um apertado processo casado coevolucionário nos humanos’ (Richerson & Boyd, 1992, p 80). (Blackmore, 1997, online).

Como proposto, Blackmore apresenta sua própria teoria acerca dos memes, que em nossa interpretação, foi capaz de unir a ideia original de Dawkins aos desdobramentos relacionados ao funcionamento da mente, proposto por Dennett. Nas palavras da autora:

uma vez que a evolução genética tenha criado criaturas que foram capazes de imitar as outras, um segundo replicador nasceu... Se a memética é verdadeira então os memes criaram as mentes humanas e a cultura com a mesma certeza que os genes criaram os corpos humanos. (Blackmore, 1997, online).

Blackmore nos convida a avançar na compreensão de sua proposta, assumindo ‘o ponto de vista dos memes’, para tanto ela estabelece três parâmetros que devem ser observados: a exemplo dos genes, os memes não tem capacidade de previsão; o interesse dos memes é a reprodução e, neste ponto, deve-se considerar quais características oferecem melhores condições de sobrevivência aos memes; o terceiro ponto é que os memes são transmitidos por imitação (Blackmore, 1997).

Para a autora, o fato de que não paramos de pensar, ainda que sejam pensamentos sem utilidade, é uma clara expressão da ação dos memes, isso porque o ‘pensamento extra’ é um desperdício, do ponto de vista biológico. Essa ideia está em consonância à analogia repetida por Dennett, que coloca o meme como “um pacote de informação com atitude”. (Dennett, online, 2002). Ou seja, o meme é a informação que em busca de sobrevivência, infecta cada uma das mentes e luta para manter-se relevante independente da vontade ou ação humana.

3.1 – Memes e Tecnologia

É certo que por muito tempo o meme esteve atrelado à elaboração teórica que o próprio Dawkins apontou quando apresentou o significado do termo dentro do ‘caldo cultural primitivo’: “melodias, ideias, ‘slogans’, modas do vestuário, maneiras de fazer potes ou de construir arcos” (DAWKINS, 1976 – pg. 148), sendo estes, principalmente comportamentos, costumes e práticas sociais. Em complementação a essa definição, Blackmore aponta algumas situações que seriam impossíveis de existir sem os memes “não poderíamos falar, escrever canções ou fazer muitas das coisas que se associam ao ser humano. Os memes são os instrumentos com que pensamos e a nossa mente é um conjunto de memes.” (Blackmore, 2002, online). Apesar dessa afirmação, Blackmore chama a atenção para o aprendizado que se dá por associação, repetição – tentativa e erro, ou por feedback, os quais ela considerou que não se enquadram na noção básica do meme: a imitação.

Nas últimas duas décadas experimentamos um desenvolvimento acelerado, que tem provocado transformações nunca antes vistas. O desenvolvimento tecnológico vem alterando a forma como estudamos, como armazenamos recordações, como compramos, como procuramos ou produzimos informação, como nos localizamos, os nossos relacionamentos se dão, a nossa interação com o mundo. A criação dos computadores domésticos, o surgimento da internet, a crescente disponibilidade de acesso e mais recentemente a portabilidade, alavancaram a forma como nos comunicamos hoje, sem precedentes na história.

Para a memética, trata-se do processo natural de evolução, uma vez adaptados ao ambiente e cientes da escassez de recursos a que estão submetidos, os memes, cujo único objetivo é a sobrevivência, buscam outras formas de garantir sua continuidade. Para Dennett isso é tão claro que ele chega a ironizar o fato de que a sociedade não compreenda o pensamento evolutivo para a evolução do pensamento. Ele explica seu ponto referindo-se à teia de aranha, que é claramente uma evolução, mas a internet – baseada num modelo visual que se assemelha à teia e se reconhece como rede estruturada em nós de interação, é entendida como criação e não como uma evolução. (Dennett, online, 2002).

Em reforço a esta noção apontada por Dennett, Blackmore cita um conjunto de avanços que temos experimentado nos últimos anos e como isso é apenas reflexo do objetivo finalístico dos memes:

a imitação humana é bastante avançada para sustentar a evolução memética, mas existem muitas possibilidades de melhoria. Assim poderemos esperar que no curso do tempo apareçam máquinas copiadoras sempre melhores, e assim foi. Do papel e caneta à impressão, dos telefones aos fax, dos computadores à internet, as máquinas copiadoras melhoraram e muitos memes difundiram-se de modo mais veloz e abrangente.

...Os memes enviados e as máquinas que os copiavam aumentaram paralelamente, visto que os fax se difundiram mais rapidamente do que as cartas e todo o processo do escambo memético tornou-se mais veloz. O mesmo processo acontece poucos anos depois com a internet. Uma vez que os e-mails tornaram-se possíveis, muitas pessoas passaram a utilizá-los, enviando mais mensagens...

Colocando-nos na nossa ótica, podemos ver a internet como uma maravilhosa tecnologia por nós criada, para o nosso prazer e para melhor viver as nossas vidas. Do ponto de vista dos memes, nós, humanos, somos máquinas meméticas primordiais, que auxiliam a criar sempre melhores máquinas meméticas, em benefício dos próprios memes. (Blackmore, 2002, online).

Temos acompanhado os incrementos diários da internet, que potencializam o mínimo progresso e contribuem para o fortalecimento do que foi nomeado como cultura da internet ou o que se convencionou como seu equivalente: cultura digital. A Cultura da Internet, está relacionada às características típicas, presentes na criação da rede de computadores, que Castells apresenta como: o forte laço com a comunidade científica e o consequente implemento de melhorias; a naturalidade da partilha que gera conhecimento e visibilidade; o engajamento em torno de causas e a inserção no cotidiano. (Castells, 2003).

No centro da cultura digital estão a integração e a interação propiciada pelas relações online, presentes principalmente nos Sites de Redes Sociais (SRSs). Para melhor compreensão desse ambiente e do potencial que fornece à disseminação dos memes, nos amparamos na autora brasileira Raquel Recuero. Baseada na definição apresentada por Boyd e Ellison, Recuero apresenta os SRSs como “sistemas que permitem i) a criação de uma persona, através do perfil... ii) interação através de comentários, e iii) a exposição pública da rede social de cada ator...” (Boyd e Ellison, 2007 apud RECUERO, 2009, p. 102). Em sua explanação, Recuero compreende os SRSs como mediadores das relações online, caracterizados pela visibilidade que oferecem, permitindo que os usuários exibam seus conteúdos e que tais conteúdos estejam visíveis para seus contatos, ainda que estes não estejam envolvidos na ação (Recuero, 2009). É essa evidência dos sujeitos e de seus

conteúdos que fornece uma via livre e de longo alcance para o fluxo dos memes no ambiente tecnológico.

Recuero não avança na discussão, mas apresenta uma breve revisão do tema, apontando que o:

estudo dos memes é frequentemente relacionado com o estudo dos sistemas complexos, e percebido por muitos como uma ordem emergente desses sistemas (Jonhson, 2003; Strogatz, 2003). Seu estudo também já foi relacionado ao das redes sociais na Internet, e, especialmente, às redes de *weblogs* (Adar & Adamic, 2005; Gruhl et al., 2004; Campbell Fouché & Weiss, 2005; Marlow, 2004). Dentro desta perspectiva, os memes são compreendidos como potencializados pela rede e parte da dinâmica social desses ambientes.” (RECUERO, 2009 – pg.122).

Embora faça citações a Dawkins, Dennett e Blakmore, acaba por indicar sua própria definição, referindo-se ao meme como algo que “está diretamente relacionado com o estudo da difusão da informação e de que tipo de ideia sobrevive e é passado de pessoa a pessoa e que tipo de ideia desaparece no ostracismo.” (RECUERO, 2009 – pg.123).

O que identificamos até este ponto é que, ainda que tenham avançado, as discussões sobre memes estiveram relacionadas principalmente à compreensão de comportamentos e fatores que pudessem receber tal classificação, a partir de diversos exemplos, que permitissem sua validação. Pudemos observar ainda, as aproximações das ideias de Dawkins com autores dos campos da Comunicação e da Cultura. Aproximação que fazemos tanto alargando a noção do autor quanto de oposição às suas ideias.

3.2 - Meme e Internet

Como já apontado, as mídias tem passado por inúmeras transformações, dentre elas, a ruptura do modelo clássico -emissor x receptor, o que tem impulsionado diversas provocações e questionamentos. Em 2013, no livro ‘Cultura da Conexão’, Henry Jenkins, buscando compreender o novo espaço da mídia enquanto um ambiente participativo de cultura, questiona a “teoria de distribuição de mídia”, onde o meme é quem exerce o controle da ação, sem a necessidade de participação do indivíduo.

Para Jenkins, a metáfora biológica é uma simplificação inadequada, parecendo servir apenas ao que se refere à rapidez com transita “A metáfora viral capta a velocidade

com que novas ideias circulam pela internet.” (JENKINS, 2014 – pg. 41), aqui é importante dizer que, a partir da fala de Rushkoff, Jenkins adota os termos viral e meme como equivalentes em seu significado “o vírus injeta seus interesses e propósitos mais dissimulados no fluxo oficial de dados na forma de algum código ideológico, não como genes, mas como um equivalente conceitual que atualmente denominamos ‘memes’ (p.9-10)”. (RUSHKOFF, 1994 – pg. 9-10 *apud* JENKINS, 2014 – pg. 43). O autor aponta que o simplismo proporcionado pela explicação metafórica, inviabiliza a compreensão dos processos envolvidos no ato em que um indivíduo compartilha determinado conteúdo, ele afirma que “As pessoas tomam decisões ativas quando propagam mídia” (JENKINS, 2014 – pg. 45), descartando a noção de atração e suscetibilidade.

A partir dessa compreensão em que o indivíduo tem participação ativa no processo de distribuição de informações, e não apenas ‘hospeda’ o vetor de comunicação, Jenkins coloca em perspectiva o conceito de ‘propagabilidade’, que está presente em recentes revisões teóricas, de autores como Van der Graaf. A propagabilidade seria uma noção mais adequada para as características da ‘nova web social’, que demandaria uma nova denominação para memes e virais, assim surge a ‘mídia propagável’. (Jenkins, 2014).

A noção de indivíduo participante, apontada por Jenkins acaba por demonstrar certo alinhamento ao que Limor Shifman, retoma em seu recente livro ‘Memes in digital culture’: uma proposição originária de Dawkins, que refere-se às estruturas complexas, ou ‘memeplexo’, para afirmar que o meme não é apenas uma ‘unidade de informação cultural’, mas um conjunto de referências sem as quais não é possível criar significado. (Shifman, 2014). Obviamente, é o indivíduo, a partir de seu próprio referencial de vida e contexto, quem atribui sentido ao que vê ou ouve.

O entendimento da autora quanto a importância dessa reinterpretação do objeto fica evidente na proposta de definição que apresenta. Inserido no contexto das mídias sociais, o meme é:

(a) um grupo de itens digitais com características comuns de conteúdo, forma e/ou postura; (b) que foram criados [pelos usuários] com conhecimento de cada um dos outros [memes]; e (c) foram distribuídos, imitados e transformados por meio da Internet e por meio de vários usuários (SHIFMAN, 2014, pg. 153, tradução online)

Trazemos ainda, a contribuição de Martino, para a compreensão dos memes no ambiente digital, que em referência a Shifman, indica a “facilidade de manipulação digital

e a divulgação de conteúdos, sejam textos, sons ou imagens, permite que qualquer ideia, rapidamente, possa ser reproduzida ou alterada...”. (MARTINO, 2015 - pg. 178).

Martino segue contextualizando de que forma a rapidez com que os memes se espalham e o impacto que isso exerce na cultura, em função do alcance social, que “tornam [os memes] fenômenos culturais e sociais que ultrapassam a ligação entre as pessoas.” (MARTINO, 2015 - pg. 178). Em outro trecho, Martino ainda reforça os aspectos positivos presentes na definição de Boyd e Elisson, apresentada por Recuero, ele afirma que “Se os memes são veículos de transmissão de grupos de ideias, as redes sociais e as possibilidades de compartilhamento de informações são uma meio de expansão de ideias à velocidade da luz,” (MARTINO, 2015 - pg. 178).

Refletindo sobre o funcionamento dos memes, Martino novamente retoma Shifman, oferecendo duas explicações: uma delas sendo a questão monetária que envolve uma “economia da informação, na qual a atenção das pessoas é um bem valioso” (MARTINO, 2015 - pg. 179) e a segunda, a noção de pertencimento – estar inserido em determinado grupo ou comunidade. Desse modo, para os autores, o meme é uma forma de compreensão da cultura de onde se originaram. (Martino, 2015).

Diferentemente de Dennett e Blackmore, que desenvolveram suas contribuições de modo mais abrangente, embora esta última discuta a evolução tecnológica dos memes, no que definiu como ‘tème’. Os autores aos quais fizemos referência neste tópico, apresentam suas contribuições numa perspectiva estreitamente relacionada à internet.

3.3 – #MuseudeMEMES¹⁰

Os memes apresentam tanta relevância na cultura digital brasileira, que já são objetos de catalogação e registro. A primeira base de consulta de memes que temos conhecimento de ter existido no Brasil foi a memepédia – uma espécie de enciclopédia de memes, disponibilizada como uma seção no site *Youpix*¹¹, sob a curadoria de Bia Granja. Há alguns anos o *Youpix* passou por uma mudança na linha editorial do site¹² e este conteúdo não está mais disponível. Atualmente, a referência em coleção de memes é o

¹⁰ #MUSEUdeMEMES é uma plataforma online, disponível em < <http://www.museudememes.com.br/>>

¹¹ Site que surgiu em 2006, especializado em internet, que se propunha a identificar e explicar a cultura da internet e seus conteúdos. Hoje é uma plataforma voltada para o desenvolvimento da indústria de criadores de conteúdo

¹² A página oficial do Youpix, no Facebook, fez uma manifestação pública sobre o tema, disponível em < <http://bit.ly/324K0SI>>

#MuseudeMEMES, um projeto de extensão nascido em 2011, na Universidade Federal Fluminense, que foi materializado em plataforma digital, como um webmuseu. O projeto, se destina entre outras atividades, a constituir um acervo de memes nacionais, ou que circulem no país.

O texto de apresentação do projeto tem como premissa responder ‘O que são memes?’ e para tanto, retoma diversas falas que apresentamos em nossa revisão, no entanto, acrescenta considerações referente à evolução e transformações, às quais a internet submeteu o conceito de meme, que consideramos fundamental:

Não só os memes foram ressignificados, como seu campo científico se renovou. Até aqui, como lembra a pesquisadora israelense Limor Shifman, consolidavam-se particularmente três correntes de compreensão sobre o fenômeno dos memes... a primeira dessas correntes, batizada por Shifman de “mentalista”, em que se enquadrava o próprio Dawkins, descrevia os memes como ideias ou peças de informação, singulares (como uma cor, uma sensação) ou complexas (como o conceito de Deus). Em oposição a ela, a corrente “comportamental” propunha que os memes fossem observados como comportamentos particulares ou artefatos culturais, como piadas, rimas, tendências e tradições. Mesclando ambas as compreensões, a abordagem “inclusiva” indicava que memes poderiam corresponder tanto a ideias quanto a padrões estruturais que as originam ou que se propagam como seus efeitos.

Os memes passaram a representar, de modo muito mais objetivo, elementos da cultura popular nos ambientes virtuais. Hoje, memes são um fenômeno típico da internet, e podem se apresentar como imagens legendadas, vídeos virais ou expressões difundidas pelas mídias sociais. (Chagas, 2015, online).

Buscando o que parece ser uma explicação objetiva, porém contextualizada, o texto define os memes como:

uma linguagem que encontra ampla repercussão em ambientes online, mas que é relativamente pouco estudada e pouco compreendida, em especial no cenário da pesquisa científica. Parte deste descaso é fruto de uma equivocada compreensão do fenômeno como pertencente à uma “cultura do besteiro” ou à chamada “cultura inútil”, termos que não reconhecem os memes na plenitude de seu valor cultural, manifestações características da internet mas capazes de influenciar inclusive os meios de comunicação mainstream. Somente reconhecendo, como fazem os pesquisadores Michele Knobel e Colin Lankshear, os memes como uma nova forma de letramento midiático, é que poderemos desvendar suas nuances. (Chagas, 2015 - online).

4 – O cenário de pesquisa sobre memes no Brasil

No Brasil, os usuários da rede parecem encarar os memes como um assunto muito sério, tendo sido inclusive, motivação para uma ‘guerra’¹³, isso sem falar nas inúmeras as páginas em SRSs que produzem e disponibilizam conteúdos apenas em formato de meme, ou relacionados a memes famosos, além dos perfis pessoais e páginas empresariais que se apropriam de memes, para ganhar alcance e interação junto ao público.

Diante desse contexto e como parte de um exercício de revisão, buscamos informações sobre as pesquisas que tem sido realizadas sobre memes, principalmente nas Universidade Públicas, que representam a maioria dos registros no banco de dados da Plataforma Sucupira. A pesquisa pelo termo ‘meme’ retornou com um total de 825 referências.

Utilizando os filtros disponíveis, observamos que as pesquisas sobre memes estão distribuídas nas Áreas e Grandes Áreas de Conhecimento, conforme as tabelas abaixo, com significativa concentração nas Áreas de Letras e Filosofia. Ao refinarmos a busca constatamos que os números apresentados nas categorias: Áreas e Grandes Áreas não são correspondentes a somatória. Diante da constatação de que existem campos não preenchidos em alguns registros, supomos que a variação de valores identificada possa estar relacionada ao preenchimento incorreto dos campos, no momento de cadastro dos trabalhos junto à Plataforma:

Área de Conhecimento:

Letras	173
Filosofia	115
Psicologia	60
Educação	56
História	53
Comunicação	24

Grande Área de Conhecimento:

Ciências Humanas	375
Linguística, Letras e Artes	288
Ciências Sociais Aplicadas	78
Multidisciplinar	26
História	53

Observando brevemente os registros disponibilizados pela Plataforma Sucupira, identificamos uma forte tendência para a aplicação de memes como instrumental no processo de pesquisa. Muitos registros referem-se: a) à busca por melhorias no processo de ensino-aprendizagem, a partir da análise e interpretação de texto numa construção de conhecimento multimodal; b) interpretação de novos gêneros textuais e c) compreensão de variações linguísticas.

¹³ Guerra memeal: embate digital, que ocorreu no Twitter, entre usuários brasileiros e portugueses, após a descoberta de que um perfil português havia se apropriado de um meme brasileiro. Disponível em <<https://glo.bo/2Lzdx1Y>>

Considerações finais

Parte fundamental do caldo cultural e elemento presente em todas as instâncias da vida cotidiana, uma vez inseridos no ambiente digital, os memes se configuram como um fator de alta relevância para a compreensão da evolução dos processos culturais, bem como, dos significados disseminados pelas sociedades que os manifestam.

Nesse sentido, conduziremos nossos estudos futuros em uma observação dos memes na interseção entre comunicação, cultura e política; na análise dos valores que atravessam a produção e compartilhamento dos memes, em especial na construção da imagem das figuras públicas. A presente revisão bibliográfica trouxe importantes referências para a nossa compreensão dos memes na cultura contemporânea enquanto formas de embates dos grupos sociais.

REFERÊNCIAS

BLACMORE, Susan. O Poder do Meme, 1997. Disponível em: <https://www.susanblackmore.uk/articles/the-power-of-the-meme-meme-2/> – acesso em 21/06/2019

BLACMORE, Susan. Evolução da Máquina de Memes, 2002. Disponível em: <https://www.susanblackmore.uk/conferences/the-evolution-of-meme-machines-portuguese-translation/> – acesso em 21/06/2019

CATÁLOGO de Teses e Dissertações. 2016. Plataforma Sucupira. <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>. Acesso em: 21/06/2019

CASTELLS, M. A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CHAGAS, Viktor. Problematizando o que é meme I: definições. 2015. Online. Disponível em: <http://www.museudememes.com.br/problematizando-o-que-e-meme-i-definicoes/#inicoes>. Acesso em: 21/06/2019

DANGEROUS Memes. Palestra por Daniel Dennet. Tradução: Durval Castro. Monterrey, Califórnia: TED, 2002. Disponível em: https://www.ted.com/talks/dan_dennett_on_dangerous_memes#t-12122. Acesso em: 21/06/2019.

DAWKINS, Richard. O Gene Egoísta: São Paulo: Companhia das Letras, 2017. Lê Livros. PDF

- EISENSTEIN, Sergei. A Forma do Filme. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- JENKINS, H; GREEN, J; FORD, S. Cultura da Conexão: Criando valor por meio da mídia propagável. Trad. Patrícia Arnaud. São Paulo: Aleph, 2014
- LEAL-TOLEDO, G. Em Busca de uma Fundamentação para a Memética. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 36, n. 1, p. 187-210, Jan./Abril, 2013.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes, redes. 2 Ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- MEMES and ‘temes’. Palestra por Susan Blackmore. Tradução: Rogério Lourenço. Monterrey, Califórnia: TED, 2008. Disponível em: https://www.ted.com/talks/susan_blackmore_on_memes_and_temes#t-43540. Acesso em: 21/06/2019
- MUSEU DE MEMES. O que são memes? Online. Disponível em: <http://www.museudememes.com.br/o-que-sao-memes/>. Acesso em 21/06/2019.
- RECUERO, R. Redes Sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina, 2009. 191 p.
- SHIFMAN, Limor. Memes in Digital Culture. Cambridge: Mit Press, 2014.